

XXIII DOMINGO DO TEMPO COMUM (ANO A)*Ez 33,7-9; Sal 94; Rm 13,8-10; Mt 18,15-20***COMENTÁRIO***A missão da reconciliação em Cristo*

O Evangelho deste domingo oferece instruções sobre a correção fraterna entre os membros da comunidade dos fiéis em Cristo. Estas são as indicações concretas do chamado “Discurso da Igreja” (ou sobre a Igreja) do capítulo 18, no qual o evangelista São Mateus agrupa os ensinamentos de Jesus sobre a relação entre os irmãos e irmãs da comunidade. As palavras ouvidas hoje parecem muito claras e indicam os passos concretos a dar, quase como se fosse um manual de direito a aplicar num caso concreto «Se o teu irmão te ofender». Por isso, não devem ser ignoradas (seria muito complicado falar com alguém com quem já temos uma relação difícil!) nem adoptadas de forma incorrecta (utilizando-as para um ajuste de contas pessoal). Tudo deve ser interpretado de forma correcta, tendo em conta o contexto literário-espiritual destas indicações, a começar pela importantíssima afirmação de Jesus, no final da passagem, sobre a sua presença no meio dos discípulos reunidos em seu nome.

1. «Onde estão dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles». O princípio da presença constante de Cristo entre os seus discípulos.

Esta é a verdade teológica que Jesus recordou no final da sua instrução sobre a correção fraterna. Ela ilumina todo o processo que Jesus recomendou aos seus discípulos. Em si mesma, esta afirmação final de Jesus remete diretamente para as palavras do anjo a São José, no início do Evangelho de Mateus, sobre a identidade do Messias que iria nascer e que seria o Emanuel - Deus connosco. Por outro lado, remete também para a última afirmação de Jesus ressuscitado aos seus discípulos antes de subir ao Céu e depois de os enviar em missão pelo mundo inteiro: «E eis que Eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos tempos» (Mt 28,20b). Isto põe em evidência a presença mística constante de Cristo no meio dos discípulos, na sua vida e na sua missão, mesmo quando há apenas duas ou três pessoas reunidas em *seu* nome.

Para uma visão mais profunda, convém recordar aqui o ditado quase paralelo da tradição rabínica: «se dois estão juntos, ocupados nas palavras da Torah, a *shekinah* habita entre eles» (m.Abót 3,2), onde a *shekinah* indica a presença imanente de Deus no mundo e tem uma forte ligação com a visão bíblico-judaica da habitação divina entre o povo, desenvolvida mais tarde em tradições posteriores. A forma paralela dos dois ditos, o de Jesus e o dos rabinos, permite-nos traçar duas correspondências significativas em termos de conteúdo: Jesus com a *Torah* (a Lei) e a presença de Jesus com a presença divina. A afirmação coloca Jesus ao centro: é cristocêntrica, ao contrário da afirmação rabínica que é centrado na *Torah* e é teocêntrica.

A este respeito, esta afirmação de Jesus surge após a instrução de Mt 18,19-20 («se dois de vós, na terra, se puserem de acordo para pedir seja o que for, isso lhes será feito pelo meu Pai que está nos céus»). Esta última ilumina e esclarece, assim, especificamente, a presença prometida de Jesus. De facto, *in primis*, afirma a eficácia da oração em comum, ou seja, pelo menos numa comunidade de dois! A motivação é a já referida presença de Jesus no meio dos seus. Assim, a reunião de “dois ou três” refere-se aqui, em primeiro lugar, à reunião com o objetivo de “pedir ao Pai” ou, de um modo geral, de adorar, como sugere também a ênfase “em meu nome”. A presença de Jesus entre os que se reúnem em seu nome terá uma forte dimensão cúltica ou 'litúrgica' orientada para o Pai. Ele estará presente não tanto para recolher louvores e adoração, mas para rezar ao Pai juntamente com eles. É precisamente esta presença, e nada mais, que garante a escuta do Pai. É esta também a perspetiva de certas referências do Evangelho de João: «aquilo que pedirdes ao Pai no meu nome, Ele vo-lo dará» (cf. Jo 15,16; 16,23.24.26).

Não se trata, portanto, de uma presença estática, mas dinâmica. Como no caso da *shekinah*, Jesus estará presente no meio dos fiéis, mas agora com a missão precisa de caminhar com eles para lhes

garantir a graça e a benevolência de Deus Pai. Este princípio da presença mística dinâmica de Jesus entre os seus discípulos na sua vida e missão será fundamental, sobretudo para aquele que terá a delicada e nada fácil tarefa/dever de “corrigir” o seu irmão pela “falta” cometida. Quando eles, dois ou três ou toda a comunidade-igreja, se reúnem, fazem-no no nome d’Ele ou em seu próprio nome? Deixam que Jesus esteja realmente no meio deles e, assim, actue também neles?

2. *«Se te escutar, terás ganho o teu irmão». A correção fraterna dentro da missão da reconciliação em Cristo*

Como já mencionámos é-nos aqui mostrado o verdadeiro espírito com que devem ser aplicados os passos concretos da correção fraterna. Deve ser feita, quando for necessário, mas sempre como Cristo bom pastor, isto é, com amor, doçura e mansidão (não é por acaso que a parábola do bom pastor é citada pelo evangelista Mateus imediatamente antes das indicações sobre a correção fraterna que ouvimos!). S. Paulo será ainda mais explícito, mencionando a mansidão entre os frutos do Espírito na vida nova e sugerindo aos fiéis Gálatas: «Irmãos, se alguém for apanhado em alguma transgressão, vós que sois espirituais, corrigi-o *com espírito de mansidão* - mas vigiando-te a ti mesmo, não aconteça que sejas também tu tentado! Carregai os fardos uns dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo». (Gl 6,1-2).

Na mesma linha vai o ensinamento do mesmo Apóstolo aos fiéis de Roma em Rm 13,8-10 (que ouvimos na segunda leitura): «Irmãos: Não devais a ninguém coisa alguma, a não ser o amor de uns para com os outros, pois, quem ama o próximo, cumpre a lei». E conclui com palavras esclarecedoras para a nossa reflexão: «A caridade não faz mal ao próximo. A caridade é o pleno cumprimento da lei». Portanto, a correção fraterna, isto é, entre irmãos em Cristo, não tem nem deve ter outra motivação que não seja a caridade fraterna. Ela não quer e não deve ir além dessa caridade fraterna que «não faz mal ao próximo».

Desta forma, a correção fraterna realiza-se no âmbito da reconciliação em Cristo. Por outras palavras, a correção entre irmãos faz-se no contexto amplo da reconciliação constante com Deus em Cristo, porque a reconciliação com os irmãos está intrinsecamente ligada à reconciliação com Deus. É também a missão de reconciliação para todo o mundo, para a qual Cristo enviou os seus discípulos-missionários. Cada discípulo de Cristo, quer seja aquele que corrige, quer seja aquele que é corrigido, deve então escutar de novo e levar a peito esta profunda reflexão, acompanhada por um último e premente convite de São Paulo Apóstolo: «Pois era Deus que em Cristo reconciliava o mundo consigo, não imputando aos homens as suas transgressões, e que em nós depositou a palavra da reconciliação. Somos, portanto, embaixadores de Cristo, já que é Deus quem exorta por nosso intermédio. É por Cristo que vos pedimos: deixai-vos reconciliar com Deus» (2 Cor 5,19-20).

3. *«Nisto saberão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns ara com os outros» (Jo 13,35). O princípio da unidade no amor entre os discípulos para a credibilidade da missão de Cristo*

Nesta perspetiva, compreendemos ainda mais o significado “missionário” de cada ato de correção e de reconciliação fraterna. Trata-se de estar unidos no amor para a credibilidade da mesma missão de evangelização/reconciliação de Cristo e da igreja-comunidade dos seus discípulos-missionários. É por isso que Jesus insistiu tanto no amor mútuo entre os seus, definindo-o como o seu novo mandamento e sublinhando a importância deste como testemunho de pertença a Ele perante os homens: «Nisto saberão todos que sois meus discípulos». Ele próprio rezou depois ao Pai por todos os seus, tanto no presente como no futuro: «para que todos sejam um só; tal como Tu, Pai, estás em mim e Eu em ti, que também eles estejam em Nós, para que o mundo acredite que Tu me enviaste» (Jo 17,21). Que cada um de nós, seus discípulos, sinta o coração de Cristo pela unidade no amor e tenha sempre presente, em cada ação, este desejo do Mestre!

Concluamos, portanto, com as palavras inspiradas de São Paulo aos crentes de Tessalónica. São também o desejo do Senhor para todos nós, seus discípulos-missionários, hoje, mesmo no meio de

várias correcções necessárias devido às fraquezas humanas: «O Senhor vos faça crescer e abundar no amor uns para com os outros e para com todos, tal como nós o temos tido para convosco, a fim de que os vossos corações se conservem irrepreensíveis na santidade, diante de Deus, nosso Pai, por ocasião da vinda a de nosso Senhor Jesus, com todos os seus santos». (1 Ts 3,12-13).

Citações úteis:

PAPA FRANCISCO, *Audiência Geral*, Sala Paulo VI, quarta-feira, 3 de novembro de 2021

[...] É bom perguntar-nos o que nos motiva a corrigir um irmão ou uma irmã, e se não somos, de alguma forma, corresponsáveis pelo seu erro. O Espírito Santo, além de nos doar a mansidão, convida-nos à solidariedade, a carregar os fardos dos outros. Quantos fardos há na vida de uma pessoa: a doença, a falta de trabalho, a solidão, a dor... E quantas outras provas que exigem a proximidade e o amor dos irmãos! Podem-nos ajudar as palavras de Santo Agostinho, quando comenta este mesmo excerto: «Portanto, irmãos, se alguém for apanhado nalguma falha [...] corrija-o desta maneira, com mansidão. E se tu levatares a voz, ama interiormente. Se encorajares, se te mostrares paterno, se repreenderes, se fores severo, ama!» (*Sermões* 163/B 3). Amai sempre! A regra suprema da correção fraterna é o amor: querer o bem dos nossos irmãos e irmãs. Trata-se de tolerar os problemas dos outros, os defeitos dos outros em silêncio na oração, e depois encontrar o modo correto de os ajudar a corrigir-se. E isto não é fácil! A maneira mais fácil é a tagarelice. Esfolar a outra pessoa como se eu fosse perfeito. E isto não deve ser feito. Mansidão. Paciência. Oração. Proximidade!

PAPA FRANCISCO, *Angelus*, Praça de São Pedro, domingo, 6 de setembro de 2020

O Evangelho deste Domingo (cf. Mt 18, 15-20) é tirado do quarto discurso de Jesus na narração de Mateus, conhecido como sermão “comunitário” ou “eclesial”. O trecho de hoje fala de *correção fraterna*, e convida-nos a refletir sobre a dupla dimensão da existência cristã: a dimensão comunitária, que exige a *tutela da comunhão*, ou seja, da unidade da Igreja, e a dimensão pessoal, que requer atenção e *respeito por cada consciência individual*.

Para corrigir o irmão que cometeu um erro, Jesus sugere uma pedagogia de recuperação. E a pedagogia de Jesus é sempre uma pedagogia de recuperação; Ele procura sempre recuperar, salvar. E esta pedagogia da recuperação articula-se em três etapas. Primeiro diz: «repreende-o a sós» (v. 15), ou seja, não ponhas o seu pecado na praça. É uma questão de se dirigir ao irmão com discrição, não para o julgar, mas para o ajudar a dar-se conta do que fez. [...]

No entanto, pode acontecer que, apesar das minhas boas intenções, a primeira intervenção falhe. Neste caso, é bom não desistir e dizer: “Mas que se desenrasque, eu lavo as mãos”. Não, isso não é cristão. Não desistas, mas recorre ao apoio de algum outro irmão ou irmã. Jesus diz: «Se não der ouvidos, toma contigo ainda uma ou duas pessoas, para que toda a questão fique resolvida pela palavra de duas ou três testemunhas» (v. 16). Este é um preceito da Lei Moisaica (cf. Dt 19, 15). Embora possa parecer contra o acusado, na realidade serviu para o proteger de falsos acusadores. Mas Jesus vai mais longe: as duas testemunhas são obrigadas a não acusar nem julgar, mas a ajudar. [...] Jesus, de facto, calcula que esta abordagem - a segunda abordagem - com testemunhas também possa falhar, ao contrário da Lei Moisaica, para a qual o testemunho de dois ou três é suficiente para a condenação.

Na verdade, mesmo o amor de dois ou três irmãos pode ser insuficiente, porque este ou esta são teimosos. Neste caso - acrescenta Jesus -, «comunica-o à Igreja» (v. 17), ou seja, à comunidade. Em algumas situações, toda a comunidade está envolvida. Há coisas que não podem deixar os outros irmãos indiferentes: é necessário um amor maior para recuperar o irmão. Mas por vezes até isto pode não ser suficiente. Jesus diz: «E se ele se recusar a atender à própria Igreja seja para ti como um pagão ou um publicano» (*ibidem*). Esta expressão, aparentemente tão desdenhosa, convida-nos de facto a reconduzir o irmão para as mãos de Deus: só o Pai poderá demonstrar um amor maior do que o de todos os irmãos juntos. [...] É o amor de Jesus, que acolheu publicanos e pagãos, escandalizando as pessoas bem-pensantes da época. Não se trata portanto de uma condenação sem apelo, mas do reconhecimento de que por vezes as nossas tentativas humanas podem falhar, e que só estando diante de Deus é possível pôr o irmão perante a sua consciência e a responsabilidade pelas suas ações. Se isto não correr bem, silêncio e oração pelo irmão e irmã que estão errados, mas nunca a tagarelice.